ANO XXIV—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Dezembro de 1948 — N. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1948 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Maior Data



NA História da Humanidade não há data maior do que aquela que relembra o nascimento de Jesus, porque não existiu e ainda não apareceu quem superasse o Enviado de Deus na árdua tarefa de fazer brilhar em todo o seu esplendor, a luz da Verdade.

Muitos profetas e filósofos de renome enriqueceram o patrimônio moral e espiritual da humanidade, mas de nenhum sabemos que, como Jesus, aliasse a palavra aos factos. Se Êle se limitasse a anunciar a sua Doutrina sem o testemunho dos factos, ela teria tido o mesmo fim que tiveram as primitivas doutrinas espiritualistas, que não evoluiram no conceito dos povos, não indo mesmo além de um limitado número de iniciados.

Se Jesus não realizasse curas de enfermidades tidas como incuráveis pela medicina oficial, se não multiplicasse alguns pães e peixes para saciar a fome a mais de cinco mil pessoas, se não transformasse a água em vinho nas Bodas de Caná, se não ressuscitasse Lázaro, se não dominasse a fúria dos elementos no mar da Galiléia, se não expelisse demônios, se não se comunicasse com Elias e Moisés no Monte Tabor, enfim, se não estivesse com os Apóstolos durante quarenta dias após a sua morte, a sua Doutrina não teria atravessado quasi dois mil anos, crescendo sempre, arregimentando milhões de creaturas a-pesar de deturpada, retalhada e quasi enterrada no túmulo dos interesses materiais e pessoais dos corifeus da Religião, falsos profetas.

Se não fossem todos esses e muitos outros prodígios comprobativos da sobrevivência individual, os seus ensinos e exemplos não teriam encontrado guarida nos cérebros e corações e a humanidade teria justos motivos para continuar aguardando a vinda do Messias, profetizada no Velho Testamento.

Proclamando e provando com os factos a continuidade da vida após o transe chamado morte e pregando a moral mais pura de que temos conhecimento, Jesus deu à humanidade a chave dos chamados mistérios de Deus, a chave da eterna felicidade, que para ser conquistada não exige sacrifícios, apenas boa vontade. E boa vontade todos a podem possuír desde que desejem efetivamente conquistar o aperfeiçoamento espiritual pelo conhecimento da Verdade.

A palavra de Jesus veiu dar o *tiro de misericórdia na morte* com a proclamação da existência e imortalidade da alma muitas vezes por Êle provada e comprovada através dos

seus feitos, dando assim, aos homens, a chave da solução de todos os problemas que tanto os preocupam. Êle veiu assentar as bases da verdadeira Religião, tão mal compreendida no seu tempo e ainda hoje também, porque aqueles que se propuseram pregá-la e praticá-la transformaram-na num amontoado de dogmas e cultos externos, colocando-a sob o alqueire de bastardos interesses.

«A Religião não póde ser uma manifestação platônica a serviço do culto e dos dogmas desta ou daquela Igreja; ela não é um preceito de submissão a um determinado povo ou raça; ela é um apêlo à razão e ao sentimento das almas que caminham para desconhecidos mas gloriosos destinos.

A Religião não póde mesmo se limitar a um mundo, a um planeta; ela tem caracter universalista, é muito mais do que os sacerdotes proclamam, muito mais do que as igrejas concebem, — ela está fóra do tempo e do espaço, não deixando por isso de abranger mundos e sóes que se equilibram no Eter. Para que ela tenha caracter eterno, precisa abranger o Infinito, sem dependência de vontade humana e de circunscrição a uma família, a um povo, a uma nação, a um mundo.

Uma religião que estabelece o princípio das almas num mundo como o nosso, do nascimento à morte e fixa o seu futuro entre as alternativas de um inferno perpétuo e de um estado paradisíaco num céu abstrato, não póde orientar aqueles que sentem o seu coração palpitar pela Imortalidade, não póde ser verdadeira.

A religião deve ser uma fôrça que mantenha as almas em perpétua comunhão com Deus, e por isso não póde deixar de ter caracter permanente no tempo e no espaço».

De todos os missionários que baixaram à terra, Jesus foi o maior porque não se limitou a expôr os princípios de uma doutrina, que poderiam ser tidos como suposições, impotentes, portanto, para lançar nos corações a fé e a esperança e a iluminar cérebros obscurecidos pela ig-



ADORAÇÃO DOS PASTORES EM BELÉM

norância. Êle pregou uma doutrina que, embora combatida por escribas e fariseus, difundiu-se com rapidez logo após a sua morte, porque estava alicerçada nos factos comprobativos da existência e imortalidade do espírito.

No próximo dia 25 a cristandade vai comemorar mais um natalício de Jesus. E «Revista Internacional do Espiritismo», participando das justas homenagens tributadas ao Mestre, abre a presente edição com êste escrito, solicitando-lhe a renovação do seu indispensável auxílio no desempenho da nobre tarefa de difundir a sua Doutrina de amor e vida eterna.

O ESPIRITISMO

ONTEM E HOJE

NOS primórdios da propaganda espírita no Brasil, havia, da parte dos profitentes da doutrina, verdadeira dedicação e respeito aos postulados doutrinários da Nova Revelação.

Em janeiro de 1920, por ocasião do nosso ingresso nas fileiras dêsse exército de idealistas, ouvindo, desde os primeiros instantes, os maiores oradores da época e os mais cultos pregadores do Evangelho, compreendemos desde logo que o Espiritismo traria para as nossas dúvidas, as soluções de muitos problemas que até então se tornavam intransponiveis barreiras para a nossa compreensão. E assim foi.

Antes, porém, entre 1917 e 1919, já haviamos lido com muita sofreguidão, tudo quanto até então publicara a Empreza Editora «O Pensamento», de São Paulo, em cuja direção se encontrava o espírito organizador de um grande homem de ação que era Antonio Olivio Rodrigues, auxiliado por intelectuais de reconhecido valor como Braulio Prego, Francisco Waldomiro Lorenz, Alberto Cardoso, Edla de Morais Cardoso e quantos mais que alí emprestavam à Empreza «O Pensamento», o brilho de suas inteligências, idealismo e cultura filosófica e religiosa, na divulgação do Espiritualismo Exotérico, traduzindo obras de renome universal como também publicando trabalhos seus de real valor, na ânsia sempre crescente de iluminar consciências.

O primeiro orador espírita que tivemos a ventura de ouvir, nos primeiros dias de janeiro de 1920, no Centro Espírita «Amor e Caridade», de Realengo, sob a presidência do velho confrade José Carvalho de Medeiros, foi Gustavo de Macedo (o Frei Solanus), que falou sôbre o diabo, mostrando, à luz do Espiritismo, a razão de ser de sua inexistência.

O Frei Solanus era nêsse tempo, muito moço ainda e pregava com ardor e arrebatamento o veracíssimo Espiritismo, demonstrando à luz da razão e dos factos, que, a Nova Revelação era para êle (e que continua sendo para nós), a mais elucidativa de todas as doutrinas espiritualistas e, por tanto, a que melhor explica o Evangelho do Cristo, tão mal compreendido e praticado pelos seus próprios corifêus através dos séculos.

Dias depois, viamos e ouviamos os maiores tribunos e os mais cultos e destacados doutrinadores.

Viana de Carvalho, o maior dentre todos e hoje ainda insubstituivel como orador, conhecedor da doutrina, purista da linguágem de beleza lírica, destemido polemista e sempre invencível em todos os prélios em que se empenhou. Ataliba de Lara, o verbo ardoroso e encantador de lances arrebatadores. Amaral Ornelas, o chamado êmulo de Castro Alves, também orador de raça, burilando estrofes em lances de oratória; e, quantos mais como Leopoldo Cirne, Guilon Ribeiro, Aristides Espinola, Inácio Bitencourt, Felipe Santiago, Eutiquio Campos e muitos outros que se foram para o outro lado da vida.

Como reservas morais a par de sólidos conhecimentos filosóficos e muita cultura doutrinária, temos ainda um Manuel Quintão, um Vinicius, um Carlos Imbassay, um Leopoldo Machado e alguns poucos da velha guarda como vulgarmente se diz, pertencentes à corrente esclarecida de onde surgiram e onde viveram como pontificadores, os grandes vul-

tos da primeira hora e mais tarde José Pititinga, Cairbar Schutel e muitos e muitos que nos deixaram os sempre vivos exemplos de abnegados cultores das letras e das virtudes cristãs, nesta fase da Nova Revelação.

Nas pequenas organizações se praticava a doutrina da mesma forma que na Federação Espírita Brasileira. As normas de trabalho eram bem semelhantes, pois, sempre se tomou por modêlo a casa mater do Espiritismo no Brasil.

As pequenas divergências notadas entre umas e outras das principais casas espíritas, não passavam disso: uns oravam de pé, outros sentados; uns adotavam sessões mistas, de estudos e trabalhos mediúnicos, divididos em duas partes; outros preferiam só o estudo em uma sessão e a prática da mediunidade em sessão à parte. Em todas elas porém, era imprescindivel o estudo sistematizado das obras fundamentais, codificadas por Allan Kardec.

As sessões se processavam precedidas de uma prece improvisada, a leitura da obra em estudo, na parte escolhida, de preferência O Evangelho Segundo o Espiritismo ou O Livro dos Espíritos, encerrando os trabalhos com outra prece, também de improviso.

Ninguém, naquêle tempo, por mais audaciosas que fossem as suas atitudes, ousaria afirmar de público que «Umbanba» e outras fórmulas esdrúxulas de mediunismo fossem Espiritismo.

Quando a imprensa leiga comentava qualquer facto ocorrido nas chamadas «macumbas», antes do aparecimento dessa infinidade de tendas que surgiram após a realização de um congresso de «Umbanda», em 1942, sob a égide de uma esquisita Federação Espírita de «Umbanda», fundada por elementos que jamais se acomodaram dentro das regras estabelecidas na doutrina kardecista, preferindo o excêntrico, era comum dar o qualificativo de baixo espiritismo a tais organizações; mas, contra essa denominação se levantaram vários confrades, e, dentre eles José Machado Tosta, que se insurgiram, contestando energicamente a existência de alto ou baixo espiritismo; pois, para eles como para nós ainda hoje, o Espiritismo é sempre Espiritismo e, tudo quanto existe fóra das obras lapidares de Allan Kardec e as dos demais que lhe seguiram as pègadas, isto é, fóra do Espiritismo codificado êsse estupendo corpo de doutrina que constitúe um curso completo de ciência, filosofia e religião, não é Espiritismo.

Hoje, o que vemos? Em publicações como «LUTA», revista orientada pelo ex-bispo de Maura, os mais extravagantes comentários em torno de atos que o Espiritismo, absolutamente, não poderá jamais encampar.

Lemos em seu número 7, do mês de agosto, que o já célebre bispo é assíduo frequentador do Centro Espírita «Caminheiros da Verdade», localizado no Engenho de Dentro, desde 1945, não como aprendiz, estudante ou mesmo pregador espírita, que seria absurdo (a não ser que tivesse abandonado a batina), mas, as suas visitas, frequentes, ao referido centro, são para pregar as suas mistificações católicas, com assentimento e aplauso da assistência e diretores da velha organização.

Ficamos sabendo, ainda, pela leitura dessa mesma revista, que a convite de um «centro espírita», intitulado «S. Tiago», por solicitação de seu presidente, no dia de seu aniversário, em 15 de agosto, p. passado, pelo padre Antonio Carielo, secretário do «bispado», foi celebrada missa campal, abrilhantando o áto o côro da igreja paroquial de Cordovil. E, ficamos sabendo mais: que em outro «centro» que também se intitula «espírita», tal como o primeiro, localizado no suburbio de Engenho de Dentro, foi coroada a imagem de «Nossa Senhora», onde se prestou significativa homenagem á S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, bispo de Rio de Janeiro (da Igreja Católica Apostólica Brasileira), e que (é de pasmar!) o referido centro tem o nome pomposo de «Fé pela Razão», dando a entender aos que o frequentam que aquilo é Espiritismo.

Nêsse dia, talvez, um dos maiores para exibição de tão mascarada charlatanice, o discurso proferido pelo «bispo», exaltando a iniciativa do Centro Espírita «Fé pela Razão», foi todo cheio de empolgantes arroubos oratórios, dizendo entre outras cousas o seguinte: «E por entre cânticos aquela é AXUM, OXUN, OCHUN, que quer dizer: Mãe dágua doce dos rios; YÊ-MAN-JA, que quer dizer: SEREIA DO MAR, foi coroada, pelas virgens do Centro Espírita «Fé pela Razão», aquela que é mãe de OLORUN, Deus em Nagô; NIÇASSE, Deus em Gêgê; ZAMBI, Deus em Congo; ORIXALÁ-

ALUM, o Deus Supremo no Fetichismo Africano-Brasileiro».

Ainda no Centro Espírita «Virgem da Conceição», a convite de seu presidente, esteve o Sr. D. Carlos Duarte Costa, onde foi saudado pelo presidente do aludido Centro que dirigiu a palavra a duas mil pessoas ! ! Sim ! a duas mil pessoas, por certo, contadinhas a dedo!

Como vemos, a hora que passa, não tenhamos dúvidas, é a da confusão, charlatanice e cabotinismo desenfreado.

Por mais tolerantes que queiramos ser, torna-se impossível calarmos ante tanta desfaçatez, pois, se cruzarmos os braços, deixando que indivíduos inescrupulosos enxovalhem o Espiritismo que há tantos anos vimos pregando como sendo a mais pura de todas as doutrinas, é participarmos desse descrédito a que o atiram, tentando transforma-lo no mais torpe sincretismo religioso.

A revista «UMBANDA», recentemente lançada á luz da publicidade nesta capital, em suas páginas intituladas — INDICADOR DE CENTROS E TENDAS ESPÍRITAS — publica em seu segundo número, por ordem alfabética, o endereço de vários desses centros integrados em sua «linha» ; começando por um que se encontra localizado á rua Barão de Bom Retiro, no Engenho Novo, onde o que menos se pratíca é o Espiritismo, visto que a sua especialidade, isto é, o que o seu presidente anuncia, com grande alarde, é a cura de todas as enfermidades por meio de passes, chamados magnéticos, com simuladas reportagens e fotografias pelas colunas dos grandes diários, para chamariz e engôdo, pois, os passes que se oferecem no referido centro são vendidos a bom preço.

Vem depois uma série de outras tendas de nomes extravagantes como: «Amor e Caridade Senhor do Bonfim», «Caboclo Rompe Mato», «Luz pela Razão do Caboclo 4 Olhos», «Menino Deus a Caminho de Santiago», «Cetuá», «Juruá», «Oxocê», «Oxalá» «Pena Verde», «São Jorge Ruivo», «Transmissão de Pensamento», «Xangô», «Yemanjá», «Cobra Coral» e muitos outros, e, em tão grande número que, transcreve-los seria tomar muito tempo e o precioso espaço destinado ao remate destes apressados comentários.

O Espiritismo de hoje, conforme se vai praticando, na sua maioria, não é o mesmo de há vinte anos atrás, para inovadores e sincretistas que pouco a pouco vão deturpando e alterando as normas que, não obstante estarem consagradas, são evolutivas; e, tudo isso, por que o Espiritismo é uma doutrina de liberdade e tolerância. Liberdade que se não deveria confundir com promiscuidade, pois, a situação a que chegou, de postergado e praticado por muitos místicos e ignorantes, mas ainda por um grande número de indivíduos sem qualquer noção de respeito e responsabilidade, leva-nos a crêr que em breve o Espiritismo, subdividido, estará, a semelhança das igrejas protestantes, transformado em uma verdadeira Babel, com a diferença que, vencida a corrente verdadeiramente espírita, ficará dominando, pelo número e por melhor agradar a massa, a corrente eclética, e, com ela os *charlatães, espiriteiros, umbandistas e macumbeiros.*

Entretanto, contra essa horda de postergadores do Evangelho; contra os exploradores da mediunidade em nome do Espiritismo, não se levantou até agora uma só vóz. Os diretores das principais organizações de propaganda da doutrina e prática do Espiritismo, cruzam os braços. As Federações, as Ligas, as Uniões, os Centros e Grupos, todos enfim silenciam, e, outras vezes, tentam, prejudicando as boas normas doutrinárias, organizarem planos de confraternização por meio de coligações, sem qualquer preocupação que não seja a de organizar-se em quantidade, sem olhar para a qualidade, que seria a principal, em blocos homogêneos e fieis aos postulados doutrinários.

De quando em quando comentam os órgãos da imprensa profana, átos e factos degradantes verificados em centros de exploração mediúnica, e o fazem apontando-os como sendo obra do Espiritismo.

Médicos e médiuns, quantos ha por aí, na mais franca e desabrida ação criminosa, explorando, em nome do Espiritismo, a quantos ignorantes e crédulos que, por isso, buscam de preferência o sobrenatural.

Aos espíritas conscientes, aos que prezam e desejam honrar a doutrina que professam com honestidade, cabe o dever de unidos, dar combate aos charlatães, procurando, por todos os meios possíveis dignificar-se, dignificando as suas próprias convicções.

Sincretismo é conciliação de seitas,

de princípios, mistura de opiniões combinadas para formar um sistema mixto, mas não é, como querem tartufos e charlatães, a prática de todos os credos ao mesmo tempo.

O ecletismo é um método próprio e não a prática de vários métodos como temos presenciado em organizações individualistas, onde os adeptos se curvam quasi em genuflexão diante de um chefe que é o supremo, o intocável — o tabú. E, a sua palavra é tudo para a multidão dos crentes. O chefe é como se fôsse um enviado e em tudo é obedecido.

As fórmulas doutrinárias de fundo espiritualista e que exploram o mediunismo com nomes arrevezados, sincréticas ou ecléticas, podem ser tudo quanto queiram os seus corifêus, mas, em hipótese alguma será Espiritismo.

Para os que estudam e praticam a doutrina, na sua única linha — a do bom senso — e aceitaram o seu caracter evolutivo, o Espiritismo é sempre Espiritismo, ontem como hoje.

Rio, Novembro de 1948.

Pereira Guedes.

Hora de Semeadura e Decisão

Por Natalio Ceccarini *(Lomas del Palomar — Argentina)*

UM mundo carregado de ódios, de egoísmos desenfreados e cheio de uma angústia desesperadora, oferece-se á nossa reflexão serena e exige uma atitude que aguarda ansioso, dos espíritos livres e amorosos.

O homem atual e êste mundo, que é sua fiel projeção, navegam á matróca, em mar de incertezas. O cáos parece ser seu meio preferido e sua permanente aflição, a tônica que impele seus destinos. Vão-se rompendo todas as pontes visíveis e invisíveis que unem os espíritos, se desvanecendo os elementos que os aproximam, esterilizando aquelas idéias mães que poderiam irmaná-los e conseguir sua salvação.

As diferentes doutrinas que pretenderam libertar o homem de seus êrros e de sua miséria física e moral, mesmo as verdadeiramente inspiradas na paixão do bem, malograram-se umas após outras, por carecerem do sustentáculo espiritual que as tornaria sólidas e facilitaria o cumprimento do seu cometimento. Sistemas houve de todos os matizes, uns nutridos exclusivamente por um materialismo negativo, que embruteceram e exploraram o indivíduo sem misericórdia, como outros apoiados principalmente em promessas celestiais, fanatizando o sêr, anulando suas faculdades mais nobres.

Doutrinas que fizeram o homem transitar por sendas erradas, orfãs de um vitalismo essencial, de uma idéia redentora e de progresso, nada puderam fazer para impelir sua superação e evitar quanto hoje é a causa de tanto sofrimento e perturbação, e contribuiram para criar essa situação caótica em que se debatem os povos.

Escolas, sistemas, ideais, que prometeram o máximo e cumpriram o mínimo. As mais das vezes, nem o mínimo concretizaram, pois, ao tomarem altura e adquirirem poderío, olvidaram o homem e, abusando do seu domínio, corromperam-se, malogrando cada oportunidade de salvação que se lhe oferecia.

Assim contemplamos o mundo presente, agitando-se numa angústia que não se suaviza, em ódio interminável, em incompreensão improdutiva, em cruel intolerância. Idéias disputando a supremacia; creaturas humanas inimizadas entre si; ausente em toda conferência, convênio ou pacto, o espírito vivificante da fraternidade, o desejo puro de querer entender-se, o nexo moral que cimente quanto se estrutura. Tudo se traça e se levanta sôbre o cálculo, interêsse e a hegemonia. Não importam os meios para chegar a êsse fim, nem que se destruam sem piedade as leis morais que governam as determinações dos homens. E' essencial conseguir o propósito, vencer e dominar, ainda que tudo se desmorone e sucumba.

Ante esta hora incerta mas decisiva para os valores do espírito, para o futuro dos povos, que se nutrem na seiva do conhecimento espiritual, estão frente à enorme responsabilidade de assumir

uma atitude de luta e colaborar para dissipar essas negras nuvens que ocultam a luz do sol e velam o azul do céu.

Os que hoje vivem dentro dessa doutrina surgida dos ensinos vindos das alturas e têm compreensão da origem de quanto ocorre e afeta a creatura humana, estão na santa missão de cooperar para desvanecer a incerteza da hora e de nóvo acender a lâmpada da esperança no peito de todos os homens.

Todos os que têm gozado a suprema felicidade de beber nas mensagens do «mundo invisível», a água fresca da verdade e para cujos espíritos é evidente o porque da desinteligência humana, se encontram no sagrado dever de uma realização positiva na procura da conciliação das almas no amor e harmonia, pelo entendimento e boa vontade.

Os que reconhecem a situação crítica e culminante em que vivem os povos nos dias que correm, consequência de uma conduta errada e falta de conhecimento espiritual do que é o homem e qual o sentido da vida, contrairam a iniludível taréfa de iluminar a estrada da humanidade e conduzi-la áquelas verdades que podem esclarecer sua consciência, retificar sua marcha e conduzi-la a destinos superiores e fecundos.

Todos os que assim sentem, compreendem e vivem nessa tônica do espiritual, compreenderão que êste momento do mundo e da história é o de semeadura, de luta, de decisão.

E' preciso espalhar a semente da boa nova espiritual e que ela frutifique na alma de todos os indivíduos, para que descubram seu destino e se libertem de tanta dôr e ignorância.

Nesta ação e neste semear de luzes e sentimentos amorosos, jamais estaremos sós. Uma falange de sêres espirituais, mensageiros e intérpretes da vontade Divina, nos rodeia e nos secunda. Eles nos darão a fôrça necessária para superar todo o desfalecimento e, na hora do combate, assediarão o espírito com a paixão do bem.

Mas nêste ministério sagrado, em que devemos oferecer o melhor de nós e trabalhar sem descanso pelo advento de um mundo mais compreensível, fraterno e belo, longe de nós toda idéia de orgulho, toda paixão egoísta ou de predomínio, todo o interêsse de querer ser mais. Só deve guiar-nos a ânsia de servir, e nela, tudo ha de ser renúncia, abnegação, anonimamente. Só assim, triunfaremos no desejo de realizar o bem e só assim, estaremos sempre assistidos, espiritualmente.

O Mestre Allan Kardec, em seu momento de semeadura e de luta, foi advertido pelos mensageiros de Deus nêste sentido, e oportuno é recordar a prevenção espiritual, para os que decidem ser servidores sinceros e podem, em dadas circunstância, desviar-se do caminho:

«Lembra-te de que os bons Espíritos só assistem aos que servem a Deus com humildade e desinterêsse, e *que repelem a todos os que procuram no caminho do céu, um escabêlo para obter as coisas terrenas, apartando-se do orgulhoso è do ambicioso. O orgulho e a ambição sempre serão uma barreira entre o homem e Deus; são um véu corrido diante das cintilações celestes, e Deus não póde servir-se de cegos para fazer compreender a luz».*

Seja, pois, nossa atitude da hora, levantar o nosso empenho e paixão de servir à reconstrução moral e espiritual do mundo. Assim o mostra nosso dever com o conhecimento vindo de Deus, através da mensagem do «invisível» e surge do sentido de responsabilidade que implica o dito ensino.

Nêste anoitecer do planeta, trabalhemos intensamente para que a aurora seja luminosa, e surpreenda a humanidade iniciando seu andar pelo caminho do amor e da verdade. E' a hora da semeadura e decisão!

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— VII —

6 — A responsabilidade individual em face da lei divina.

«Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados; quantas vezes quís eu ajuntar teus filhos, do modo que uma galinha recolhe debaixo das asas os seus pintinhos, e tú não o quisestes?» (Mateus, XXIII—37).

Confrontando os acontecimentos da hora que passa com as afirmações das Escrituras, vemos constatar-se, uma pasmosa coincidência no seu desenrolar, confirmando, assim, a verdade profética das mesmas.

E como todo efeito tem causa e toda ação produz uma reação, os atos e atitudes dos homens não poderiam fugir aos imperativos desta lei geral — daí afirmar Jesus — «a cada um será dado, segundo as suas obras». (Mat. XVI 27).

Dêsse modo, somos responsáveis perante Deus, por toda violação, falta de cumprimento ou desrespeito ás suas leis. Cada um de nós, como criatura encarnada, tem que responder por tudo o que fizermos, porque o Grande Legislador, «tem fixado o dia em que há de julgar o mundo conforme a justiça, por aquêle varão que destinou para juiz. (Atos XVII 31).

«Digo-vos que de toda palavra ociosa, que falarem os homens, darão conta dela no dia do juizo». (Mat. XII-36).

E para que a lei de causa e efeito se cumprisse, não sómente o *furor* do Senhor, conforme a expressão do texto, se acendeu contra o seu povo e estendeu sôbre êle a sua mão e o feriu» (Isa. Cap. V—25) — Jerusalém seria, ainda mais, destruida e pisada pelos gentios!

Rolaram os anos na esteira dos Séculos, escorraçados os hebreus de toda parte, sem pátria, sem nada, errantes a vida toda, párias e réprobos de todos os tempos, só uma coisa lhes ficára intacta — a religião, e é através dela que êsse povo, tem mantido a integridade racial, fazendo perdurar a questão social, em que são parte integrante. Ela vem vencendo, por sua própria culpa, a fúria dos tempos, sendo ainda o grande motivo por que Jerusalém, seja agora novamente pisada pelo gentio! Ora, os romanos, ora os egípcios, ora os árabes! São de triste lembrança as cruzadas, as guerras, chamadas santas, as investidas sanguinolentas de Ricardo, *o Coração de Leão*, pela posse do Santo Sepulcro...

Como todos sabem, e ainda, conforme o anúncio das profecias, na época adequada num jacto forte de luz deveria chegar á Terra, o Messias, o Filho unigênito do Pai, e que era anciosamente esperado, assim acontecendo. Veiu, porém, êle nascer numa mangedoura humilde, lá para as bandas de Belém de Judá. E as vozes do céu, louvando a Deus, foram ouvidas, num cântico suave: — «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!»

As circunstâncias do seu nascimento, crearam em torno do Divino Enviado um ambiente de incertezas e dúvidas, não só quanto a sua verdadeira identidade, como também no que dizia respeito á magnitude da missão que viria a desempenhar na Terra.

Os próprios hebreus, conhecedores que eram das Escrituras, concientes da promessa da vinda de um messias, que lhes salvaria do jugo dos romanos, não creram que aquela criança, que viéra ao mundo em circunstâncias tão imprevistas, nascendo numa mangedoura, em promiscuidade com animais irracionais, pudesse possuir atributos de um salvador. Não, não, êle não era o Messias Prometido! Eles aguardavam um salvador, iracundo que viesse com armas e guerreiros para, pela violência, impôr aos seus escravizadores, a vontade da fôrça!

E a prova concludente dessa convicção deram eles no pretório, na hora precisa do testemunho, ao ser o

Mestre entregue ao seu julgamento — preferem eles que seja solto Barrabás e condenado Jesus, ainda mais, colocando no madeiro infamante, o dístico, com o sentido grotêsco — «Jesus Nazareno, rei dos Judeus!»

Crime tremendo, terrível agravo de responsabilidade gravou sôbre aquêle povo o estígma do pecado! Muito caro teriam que pagar tão grande crime! E uma noite imensa de muitos séculos cobriria Jerusalém, com o seu manto negro!

«O Pai — propriamente, como afirmou João — a ninguém julga, porque todo juizo deu ao Filho» (V 22), porque diz-nos Mateus — «no grande Dia do Senhor, o Filho do Homem, virá na sua glória, e se assentará no seu trono e todos os seus santos com êle» (XXV-31), para julgar os homens das suas faltas. E o julgamento, então, se fará lentamente, sendo que alguns passarão pelas portas movediças, girando à direita ou à esquerda, conforme o mérito de cada um, enquanto outros, serão lançados às trevas exteriores, como se a própria terra lhes faltasse aos pés!...

Ao mesmo passo, outros ainda, subirão radiantes, e descerão outros não menos radiantes, por essa dupla e misteriosa escada, que Jacob viu em sonho!...

Os homens, porém, não têm dado o devido aprêço a estas instruções lançadas ao mundo há dois mil anos, até mesmo quando amorosamente lhes mandavam dizer: — «Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis. Mas se alguém pecar, temos com o Pai um advogado, Jesus Cristo, o Justo». (Jo. II-1).

(Continua).

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS, *Deolindo Amorim* — Gráfica Mundo Espírita

Que é preciso ajustar novos processos à propaganda e à difusão do Espiritismo, é coisa fóra de dúvidas.

Nós, que o neguemos, com o que temos observado por aí alhures, em nossas constantes excursões. Nós, que o ponhamos em dúvida, pelo que temos verificado, por toda parte, diante de programas renovadores, que vão pregando o Espiritismo social e cristão. E foi, exatamente, em consequência do muito que vimos e sentimos por aí em fóra, que nos repontou a idéia de um sôpro renovador para o serviço da disseminação da Doutrina Salvadora.

Ninguém póde invalidar os processos mediúnicos como fatores, e dos mais importantes, sinão os maiores, na propaganda do Espiritismo.

Mas não se pode unilateralizar os processos de uma Doutrina que póde e deve ser difundida por todos os processos honestos e justos! A Doutrina está pedindo medidas oportunas e mais em harmonia com a hora de renovações por que passa o Planeta.

O Espiritismo, se promete soluções fáceis de problemas para a Outra Vida, deve e póde resolver os problemas desta Vida. Esta, a função do Espiritismo social, humanitário e cristão, que foi, de resto, a espécie de Espiritismo por que mais se bateu o seu Codificador, como se vê no *Livro dos Médiuns*, no seu último capítulo.

Viver, como espírita, na Terra e na carne, como se já estivesse fóra da carne, e da Terra, é que não está direito. A vida é santa, e o corpo é o templo do Espírito, como de resto ensinou Paulo. Assim, processos doutrinários, que preparem os homens para encontrarem a solução de seus problemas terrenos, afim de que possam experimentar sensações de Paraiso no Planeta que os homens reduziram a *vale de lágrimas;* processos doutrinários assim, só podem e só devem ser bem vindos...

* * *

Nós haviamos já concebido o plano do Espiritismo de Vivos — que já tem levado tanta bordoada e outras tantas tem, ainda, de levar! — quando Deolindo A-

morim nos deu a honra de sua visita, passando um domingo conosco.

Estava êle ultimando sua série de artigos já enfeixados no seu *Africanismo e Espiritismo.* De tal maneira bem lhe soube a oportunidade do programa, que, a sugestão nossa, prometera, assim terminasse aquela série, escreveria outra, estudando problemas humanos á luz do Espiritismo.

Que cumpriu a promessa, aí está seu livro.

E que livro!

Claro que não falou nele de nossa sugestão, nem de compromisso assumido. Ainda menos do programa de espiritismo de vivos. Deste programa, falara ele em bela crônica pelo rádio, em página expressiva pela *Revista Espírita do Brasil.* Não sabemos se as ferroadas que recebeu de «conservadores» o levaram a omitir o que aquí dizemos. O que porém interessa agora, é que o ilustre confrade fez um livro oportuno, para o momento, original. Um livro de Espiritismo para os problemos terrenos, bem mais imediatistas do que as questões do Outro Mundo.

Abordados todos os problemas no volume?

Não seria possível. Nem seu autor se arvorou a tanto, que, para tanto, só muitos livros de milhares e milhares de páginas e capítulos, visto como tais programas são infinitos e, por sua complexidade e variedade, mudam, os mesmos problemas, conforme o lugar, as horas, os indivíduos . . .

Mas, uma coisa podemos afirmar: o autor foi além do que aconselha Montesquieu: esflorou assuntos que, sôbre fazerem pensar, abrem campos a novas cogitações, a novos meios de conhecer, sentir e viver a Doutrina Salvadora.

Carlos Imbassahy prefacia o volume, que tem 220 páginas e está, graficamente muito bem apresentado.

A dedicatória que o ilustre conterrâneo, irmão espiritual e amigo pôs no volume que nos coube, é dessas coisas que comovem e enternecem.

Deus lhe pague.

* * *

AFINAL QUEM SOMOS? *Pedro Granja*

O livro de Pedro Granja, que é, para nós, com os SINAIS DOS TEMPOS, de Anibal Vaz de Melo, os maiores que já apareceram no ano em curso, já está com sua edição virtualmente esgotada. Ora, ainda que se trate de edição de 500 ou 200 exemplares, o que não seria possível, nem por isso deixaria de ser um *record.* A Editora Brasiliensis Ldt. acaba de lançar 3.a edição em bonita e elegante encadernação, dessas que fazem as delícias espirituais dos bibliófilos e bibliómanos. E seu autor acaba de escrever-nos: «Já se fala em quarta edição, segundo os informes do editor. Diz-se que há, apenas, em estoque 550 exemplares» etc.

Pois que venha a 4.a edição, e quantas mais o grande público exigir, embora isso, já agora, leve «destempero» ao autor, pela trabalheira de sua revisão, leitura e releitura . . .

* * *

AS HEROINAS DE HYDESVILLE — *Alfredo Miguel*, Bahia

Os espíritas norte-americanos comemoraram o centenário do Espiritismo em março último, principalmente a 31.

Comemoração que repercutiu por toda parte onde ha espiritismo cultural, visto como, em toda parte houve sessões comemorativas dos fenômenos de Hydesville.

Mas, centenário do Espiritismo? Ou dos fenômenos espíritas, que teriam de chamar a atenção do mundo para a Doutrina Espírita?

Estamos em que a comemoração do centenário do Espiritismo só deve ser, a rigor, na data do aparecimento do *Livro dos Espíritos*, que consagrou, a par da difusão da Doutrina, a palavra *Espiritismo*, criação do sr. Allan Kardec.

E, ainda hoje, o Espiritismo não tem êste nome nos Estados Unidos, e o inclito codificador é, ainda, quasi desconhecido alí. O Espiritismo não saíu, alí, ainda, do campo experimental, prático, feito ciência psíquica.

Contudo, foi precisa a comemoração, que trouxe grandes benefícios à difusão da Doutrina.

E tudo que traga maior conhecimento da Doutrina, que ponha a Doutrina em fóco, vem na sua hora justa, tem sempre a oportunidade que todas as coisas exigem.

Entre outras vantagens que tais comemorações trouxeram, melhor conhecimento das pobres moças—as irmãs Fox—

que foram os primeiros veículos dos factos espíritas, foi incontestavelmente, a vantagem maior.

* * *

AS HEROINAS DE HYDESVILLE, o novo volume de Alfredo Miguel, saíu daí. Trata-se de uma conferência bem escrita e substanciosa que seu ilustre autor proferiu, dentro do programa de tais comemorações. E' conferência que tem mais de tese, completando outro trabalho do autor, *Esboço da História do Espiritismo.*

E' trabalho que se lê sem canseiras e enfados, tal a sua leveza e substancialidade. Mormente, aqueles que pouco sabem, ainda, das origens do Espiritismo. Cremos até que foi para esses que o ilustre confrade o escreveu, de vez que os estudiosos de facto não encontraram, é claro, novidade na obra. Ora, se foi, exatamente, para esses, falta à obra certo didatismo, que leve o leitor a um apanhado global dos acontecimentos. E' certo que o volume traz, em apêndice, um escrito oportuno, o *Nascimento do Espiritismo,* de outro. Não é a mesma coisa. Aquilo posto em sequência didatica, contado, pedagogicamente, pelo autor, daria ao livro e à peça, mais substancialidade.

O volume, que é pequenino e atraente, agrada, também, na sua apresentação gráfica. Talvez peça segunda edição. Quem sabe se numa segunda edição o autor não dará aos leitores, que ainda não conhecem bem estes factos, obra completa ?

O *Apêndice* forma a segunda parte do volume.

E foi, valha a verdade, a parte que lemos com maior agrado.

Talvez porque já conheciamos os factos narrados na conferência, talvez porque os assuntos morais e filosóficos, que objetivam nos tornarem melhores, nos agradam mais.

Difícil destacar entre as crônicas e estudinhos da segunda parte, o mais incisivo, o mais objetivo. *Fruto do Carnaval e Prosperidade dos Maus,* entretanto, focalizaram mais nossa atenção. Isto, sem falar no *Anticlericalismo,* que nos diz muito de perto, porque uma análise interessante que o autor faz de uma fase de nossa vida em que não poupavamos o clero, claro que sempre naquilo que julgavamos defesa da Doutrina.

O livro é prefaciado por Deolindo Amorim e dedicado a Carlos Imbassahy.

Não podia o autor encontrar melhor prefaciador nem confrade mais distinto para uma e outra coisa.

Confrontos e Paradoxos

ESPÍRITO E MATÉRIA



E muito venho acompanhando, em silenciosa admiração e respeitosa estima pelo seu ilustre autor, uma série de artigos que o «Jornal do Comercio» insere nas edições de domingo, assinados por Lord Wellington e tratando, todos, de assuntos da máxima importância e transcendência.

Vê-se bem, pelo que escreve êsse notável colaborador do circunspecto bisavô da nossa imprensa cotidiana, que é êle um emérito pensador — o articulista — na plenitude da humana experiência e sobretudo versado nos mais profundos princípios da Filosofia Espiritualista, como bom católico que se preza de ser — e o declarou explicitamente em uma de suas recentes colaborações.

Qual não foi, por isso mesmo, a minha surprêsa (e faço uso do possessivo na primeira pessoa do singular porque desejo imprimir caracter nímiamente pessoal ao que vou dizer), quando li o seu último artigo, com o título «Matéria e Espírito» !

Logo em começo assim se manifesta o vibrante prolator de idéias e de princípios de tão acentuado cunho filosófico : «Cumpre discernir a realidade de que aquilo que nós chamamos «matéria» e aquilo que nós chamamos «espírito», isto é, «matéria» e «espírito» são fundamentalmente a mesma coisa, são manifestações de intensidade diversa da mesma vibração básica, da mesma «energia» primordial que gera e constitúe a tessitura de toda a vida cósmica. E' importante, benéfico e salutar que, numa época de tão grande aceleração do

processo e das fases do «devenir» universal, não perca a humanidade a fecunda e encorajadora noção da unidade final do Mundo. E nada nos reconcilia melhor com a resplandecente e maravilhosa idéia da existência de Deus, de um Deus único e total, do que a compreensão de que tôda a vida tem uma trama também única e de que todas as vibrações do universo se resumem em última análise numa só energia infinitamente motora e ilimitadamente criadora».

Eis aí expresso um pensamento claro como os que mais o sejam, facílimo de ser apreendido, porque dito sem ambages, sem subterfúgios, com toda a limpidez de uma alma sincera que deseja ser bem e nitidamente compreendida.

Não fôsse tão bela característica, a denunciar um espírito bem formado e com quem se póde conversar, sem receios de atritos e maquinações odiosas, e nos conservariamos como ledores silenciosos dos seus magníficos artigos; a circunstância, porém, de se apresentar o articulista como bom católico, ou melhor, como espiritualista cristão, obriga-me a saír do silêncio em que até aquí o tenho admirado, para discretear com o sr. Lord Wellington no terreno dos princípios cristãos que o prezado confrade está comprometendo, obrigando os seus leitores a um tácito comprometimento, se em silêncio permanecerem. «Quem cala, consente».

Sem responsabilidades embora na igreja católica, de que não sou profitente, quero crer, entretanto, que o Snr. Lord Wellington não fala como católico quando escreve sôbre «Matéria e Espírito», pois ainda temos bem presentes ao espírito os sábios ensinamentos de alguns doutores da Igreja, desde Agostinho de Hipona a Santo Thomas de Aquino, ao se referirem aos grandes princípios básicos do Cristianismo de que foram inspirados intérpretes e guias seguros.

Deixemos, porém, às autoridades eclesiásticas a responsabilidade de tomarem ou não conhecimento do que escreve o Snr. Lord Wellington, em sua qualidade de católico, se é que o ilustre escritor deseja acentuar essa qualidade. Apenas, quanto a mim, peço-lhe vênia para aduzir, como simples estudioso dos problemas religiosos, falando em nome pessoal (o que préviamente deixámos bem esclarecido), algumas considerações, com todo o respeito que merecem alheias opiniões, sôbre o assunto de que tratou em seu último artigo — «Matéria e Espírito».

Há um prolóquio advertindo-nos que, em matéria de direito ou de filosofia, aquilo que está claro não comporta interpretação.

Os que somos adeptos do Cristianismo, só temos um Mestre, a saber: Nosso Senhor Jesus Cristo — do que Êle mesmo houve por bem advertir-nos, em sua excelsa prudência, conforme se acha escrito em Mateus, cap. 23, vers. 8: «Vós porém, não queirais ser chamados Rabbi, porque um só é o vosso Mestre, a *saber*, o Cristo, e todos vós sois irmãos».

Ora, naquilo em que o Mestre é claro, ociosa deve ser qualquer interpretação que pretendam trazer a princípios de sua Doutrina que se acha consubstanciada nos Evangelhos.

Logo, se o Mestre afirmou, peremptóriamente, que «o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito» (João, 3, v. 6), assunto é incontroverso êsse que diz respeito à dualidade do Universo, isto é, à sua diferenciação em espírito e matéria.

Tomando essa dualidade por princípio axiomático, a respeito do qual não cabe discussão entre adeptos sinceros do Cristianismo, resta-nos campo imenso para interpretação no que concerne às manifestações, bem ou mal compreendidas — isso sim — dessas duas substâncias cósmicas: espírito e matéria, devo repetir, para bem positivar o meu modo pessoal de ver o problema.

Convimos, assim, agora mais do que nunca, em face das últimas conquistas da Ciência, que todo êsse imenso mundo da matéria a que restringiam tantos filósofos materialistas a manifestação onímoda da Vida, se reduza, em última análise, a fenômenos resultantes da Energia que — esta sim — é uma propriedade do Espírito. Ninguém haverá, porém, que se

resigne a confundir «propriedade» espiritual com «essência» espiritual. O que pode haver nisso tudo (e certamente haverá), é uma sublime e alcandorada transcendência que excede de muito as possibilidades do entendimento humano, sempre que pretendemos perquirir as causas profundas da Vida; razão por que temos de nos limitar ao exame dos factos.

Facto é, incontroverso, que se nos deparam, em a Natureza, duas manifestações da Inteligência Criadora: Espírito e Matéria. Já o profundo polemista que era o Pe. Vieira redarguia a todas as confusões doutrinárias sôbre essa divina dualidade do Universo, com aquela irrespondível observação da sua acuidade filosófica: «Quereis saber o que é uma alma? Vêde um corpo sem alma».

Alí, naquele corpo, restava a matéria; o espírito retirara-se. Ninguém honestamente poderia fazer confusão entre os dois aspectos de uma mesma objetividade...

Resignemo-nos, portanto, ao menos por hora, à aceitação tácita da afirmativa peremptória de quem se constituiu, por Divina Vontade, nosso único Mestre, exatamente para tirar-nos da dificuldade insuperável da conceituação humana da Divindade, a respeito de Quem o homem sómente poderia fazer considerações humanas, se não fosse a interposição de Jesus...

Clara, positiva a linguagem do Mestre: «O que é do Espírito é espírito; o que é da carne é carne».

Aceita como axiomática essa verdade fundamental, entendamo-nos se assim o desejar o nosso ínclito confrade, sôbre a essência da matéria, como *forma* da energia. Sim, da energia que é uma propriedade do Espírito.

ARNALDO S. THIAGO.

Rio, 13-11-948.

N. B. — Êste artigo foi remetido, no começo do mês, à redação do Jornal do Comercio, de que me prezo de ser colaborador; mas, como alguns outros, versando assunto doutrinário, não foi até esta data publicado. — A. S. Thiago.



Psicanálise e Espiritismo



Concordamos que sejam *retardados* os que *atacam*, hoje, a psicanálise, como o fizemos no *Cientismo e Espiritismo*. Concordamos que, entre tais *retardados*, sejamos nós o atrazadão de marca, o mais retardado. E explica-se: não somos sábio, nem cientista; não possuimos nenhum diploma de doutor...

Não conferimos, entretanto, e apesar de tudo, láurea de *avançadissimo*, de *adiantadissimo* aos que descobrem espiritúalidades na doutrina do sr. Freud. Mórmente, se tais *avançadissimos* falarem, como nós falamos, em nome, ou à sombra da Doutrina Espírita. Nem aceitamos, tampouco, que a coisa do sr. Freud, nos moldes em que êle a colocou, venha, um dia, a espiritualizar se. Deixaria, então, de ser a moxinifada científica que aí está...

* * *

Nós já sabiamos que o ilustre confrade dr. João Augusto Torres Bandeira, que muito prezamos e admiramos, não fôra com as nossas análises a propósito da psicanálise.

Disse-o êle mesmo a nós e ao Carlos Imbassahy, num rápido encontro na *Sociedade de Medicina e Espiritismo*.

E repete-o, veladamente, procurando, delicamente, ferir o alvo, no seu artigo nesta Revista do número de Outubro.

Certo que ss. fala com maior autoridade do que nós, porque médico e cientista, além de em dia com o desenvolvimento da psicanálise.

Nós, além de não sermos médico e sábio, de não possuirmos diploma algum, felizmente, de quatro anos a esta parte, perdemos contacto com a coisa do Freud.

Entretanto, naquilo que podemos apreender, estudando o Freud, e seus seguidores entusiastas, que é aquilo que provocou as análises que se contêm no CIENTISMO E ESPIRITISMO, perdoe-nos o ilustre confrade que não o acatemos.

* * *

Ss. transformou a psicanálise num sanduiche, que o devoramos gulosamente. Uma bela e expressiva imagem popular: um pão aberto em duas bandas com um pedaço de queijo atravessado por um palito. As bandas do pão, o *inconsciente* e o *super-ego*; o queijo, o, *ego*; o palito, a *libido*.

Comparação realissima, diga-se a verdade.

A psicanálise espiritualiza-se, que a «corrente espiritualista tomou conta do terreno», escreve o ilústre confrade, citando nomes que desconhecemos, para assinalar o retardamento nosso e dos que não estão em dia com a tal corrente espiritualista, com os tais nomes.

Ora, o que de psicanálise aprendemos e apreendemos foi estudando o próprio Freud, Medeiros e Albuquerque, um dos poucos escritores mais claros da língua portuguesa, Gastão Pereira da Silva e Almir de Andrade.

Não vimos em nenhum deles, principalmente no Freud, nada que autorize a espiritualização da psicanálise. Nem a possibilidade da psicanálise vir um dia, a espiritualizar-se.

Aquilo é uma coisa tão materializada e grosseira, escalpela de tal forma a psiqué material do homem, que, francamente, se ha impossível, será a espiritualização dela.

E psicanálise espiritualizada deixa de ser psicanálise, de vez que seus fundamentos científicos são de pura e grosseira materialidade.

Foi isso que dissemos ao ilustre confrade, no rápido encontro que tivemos.

* * *

Uma coisa gostariamos que ss. nos explicasse: em que é a psicanálise superior, *uma vez*, ao Espiritismo na vida atual.

O prezadissimo confrade escreve como psicanalista e espírita, essa coisa que não podemos, tambem, compreender, que «para a vida presente, é mil vezes superior ao Espiritismo».

Pedimos pouco: essa superioridade *uma vez só*...

E' que estamos cônscio de que nada existe, para a vida presente e futura, que supere, *uma vez só*, o Espiritismo.

Em nossas investigações e estudos de curioso, porque sem fumaças de sábio, doutor e mestre, só encontrámos uma doutrina materialista, profundamente materialista que, analisada superficialmente, supera, para a vida presente, o Espiritismo e o próprio Cristianismo: é o positivismo. Exatamente porque procura dar dignidade ao homem, enobrecer a espécie humana, santificar a humanidade.

O «viver para outrem» dos positivistas é alguma coisa superior ao «amar ao próximo como a si mesmo», visto como quem ama ao próximo é porque, primeiro, amou-se a si mesmo e espera receber amor igual, além da recompensa *post-morte*, que as religiões prometem aos bons.

Ora, o homem freudiano é alguma coisa indefinível; alguma coisa de monstruoso e de genial. Um satanaz cheio de vícios e um deus com poucas virtudes.

A psicanálise, entretanto, abre os olhos para as suas monstruosidades e seus crimes, preocupada, quasi que inteiramente, com o monstro e com o satanaz.

O Positivismo e o Espiritismo, entretanto, agarraram o monstro e o satanaz do sr. Freud e procuram despertar-lhes a consciência para o anjo e o gênio que neles dormitam, emprestando-lhes dignidade, nobreza, compreensão da vida, de si mesmo, das coisas para a integração de sua santificação e felicidade mesmas na Vida. O Espiritismo, na vida material e na espiritual, e esta, a maior vantagem que o Espiritismo leva sôbre a doutrina de Augusto Comte.

Agem as duas, ao contrário da *psicanálise*, como a figura do Cristo diante do cão morto, espicaçado por pragas de toda gente, que só lhe via a forma em decomposição, a sanie, sentindo-lhe o mau cheiro. O Cristo, entretanto, descobre que o mísero animal-carniça tem uns lindos dentes...

Será que nosso *retardamento* não nos deixou descobrir nenhuma espiritualidade na tapeação científica do sr. Freud?

Pois que s.s. nos faça, também, a caridade de mostrar-nos onde isso está, para nossa *mea culpa*, e para nosso avanço mental-espiritual.

Acaba, entretanto, nosso retardamento de encontrar um grande confôrto. O confôrto de encontrar outro ainda mais retardado de que' nós, porque um nome

universal, sem espiritualismo nenhum, portador de maior cultura acadêmica e materialista: Emil Ludwing, o grande escritor biografista recem-falecido.

Acaba de saír seu último livro, FREUD DESMASCARADO.

E' tradução de outro retardado, também portador de cultura materialista e acadêmica: Almir de Andrade.

Cá o temos, que vamos voltar ao Freud, para vermos a quantos graus abaixo de zero desceu nosso retardamento.

Leopoldo Machado.

Fenômenos de Materialização

XXIII

Sessão de sábado, dez de Janeiro de 1948. A Lais preside aos trabalhos, declarando-os abertos depois de cantado um hino e proferida a prece inicial. Faz-se profundo silêncio e procede-se ao indispensável recolhimento espiritual. Araci vem dar-nos a necessária orientação sôbre o bom aproveitamento dos nossos melhores esforços, expedindo duas turmas de companheiros para fazerem ambientes externos, na casa de duas pessoas doentes. O médium Lins recolhe-se ao gabinete. Como o guia houvesse recomendado que se insistisse na preocupação de esclarecer os companheiros novos — e nesta noite houve três estréias — acerca dos objetivos das nossas sessões de efeitos físicos, com o lhe ser lembrada a grande responsabilidade de cada comparticipe dos trabalhos, não se fez, nesta noite, a leitura de uma página doutrinária.

E' cantado o hino «Entardecer». Usam da palavra os seguintes irmãos: Lenice Teixeira Dias, Dr. Lauro Salles, Margarida Melich, Major Ismael Pinto (comentando a máxima Evangélica «Quem quiser ser o maior que se faça o menor»), Capitão Antonio Leite e Izabel Bittencourt de Souza.

São convidados a orar, eu, Maria Madalena de Oliveira, Dulce de Fatima Oliveira, Hilda Tavares e Antonio Pinto da Fonseca.

Produziram-se diversos fenômenos de luz, notadamente o de um fóco generalizado no této, em mais de um local, luz feérica e fixa, embora intermitente. Êste foi o fenômeno que mais despertou a atenção de todos.

João de Deus, Margarida, Ilka, Moisés Douek, Nina e Scheilla materializam-se sucessivamente. As aparições de Nina e Scheilla foram as mais nítidas.

Scheilla, deixava verem-se as suas lindas tranças por sôbre os ombros. Nina voltou para dirigir-se, em voz baixa, em assuntos de seus interêsses, às irmãs Teixeira Dias. João de Deus mandou diminuir a luz e veio dar passes aos companheiros enfêrmos: Carlos, Emilia, Ernesto, Ismael e Maria Jenèe.

Constataram-se continuados fenômenos de voz direta.

José Grosso, como sempre, animando-nos e despertando-nos. Anunciou, ainda, que haveria surprêsa... Eis que David para logo reconhecido pela sua voz, dirige-se à sua filha Madalena e seu genro Rodrigo, saudando-os pela passagem de seu 17.º aniversário de união conjugal, proporcionando-lhes consolador alento espiritual. Scheilla vem falar-nos, dizendo-nos da importância da palavra que David dirigira aos seus afins, fazendo um enorme sacrifício para não interromper os labores espirituais de assistência aos doentes do Grupo, que lhe são afetos. Adianta que o estímulo, deveria ser-nos útil a todos. Ilka ofertou uma originalissima orquídia em parafina, perfeita como ainda o não haviam apresentado os trabalhos dessa natureza. David ofertou-nos uma luva em parafina. Dulce Santos foi agraciada com uma bola de cêra, a qual lhe caíra no colo. Ha a ressaltar, ainda, o facto de singular importância para os cépticos, que se segue: Enquanto Nina Arneira se nos apresentou materializada junto da mesa dos trabalhos, na cabine se faziam contínuos rumores, quer acionando a aldraba, quer movimentando a fechadura. Isto prova, além de outras demonstrações ponderáveis, a autenticidade dos fenômenos, pois que apenas um médium repousava no gabinete. A sessão foi declarada encerrada, indo eu despertar o médium.

—

A sessão do sábado seguinte, dia

17, não contou com o concurso do médium Lins, não se tendo, porisso, registrado materializações. A direção da 1.a parte dos trabalhos esteve a meu cargo substituindo-me o Major Ismael. Abel Gomes dá-nos brilhante mensagem, por meio de incorporação. Os irmãos Fonseca e Ernesto, Fernando e Margarida e Rosa e Inacio foram os escolhidos para os serviços de assistência externa, a três doentes. Quatro médiuns de efeitos físicos são destacados para trabalhar. E' lida parte do capítulo «Intercessão», do livro «Missionários da luz». O comentário esteve a cargo dos irmãos Major Ismael, Dr. Lauro Salles e Vitorino Eloi dos Santos. Por vôz direta falaram os queridos espíritos de José, David, Garcês e Mãe Dita. Garcês entre outras coisas sublimes disse o seguinte: «em vez do chavão — fenômeno, fenômeno e fenômeno, deverieis adotar a seguinte conduta — iluminação, iluminação e iluminação!»

O José Grosso oferta-nos a quadrinha que se segue:

«O Inácio mais a Rosa,
Já cumpriram o seu dever,
E aquí estou prá abraça-los,
Com carinho e com prazer».

O interessante é que, daí a momentos, os dois citados companheiros regressavam ao nossó ambiente depois de terem assistido a um doente vizinho, facto êsse que foi posto em evidência pelo irmão que então presidia aos trabalhos.

A sessão foi encerrada ás 23 horas.

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1948.

Amadeu Santos

A OBRA DE GELEY



— XVI —

Se pela reencarnação Geley nos demonstra a realização da consciência perfeita e da justiça perfeita, é ainda pela mesma lei palingenésica que nos demonstra a realização do soberano bem. Diz:

«Na evolução, como a temos compreendido, a realização progressiva do soberano bem aparece com evidência indiscutível.

«O pessimismo racional provinha de uma visão fragmentária e, por isso mesmo, falsa do Universo; as conclusões contrárias, cheias de idealismo otimista, surgem da visão extensa e completa do universo.

«Esta visão sintética permite, antes de tudo, a solução feliz e total do problema do mal.

«Com a idéia palingenésica, o mal não tem importância absoluta, integral, definitiva. O mal nunca tem mais do que importância relativa e é sempre reparável.

«Consideremos o maior de todos os males na aparência: a morte.

«A morte não só deixa de ser a «raínha dos terrores», mas até perde totalmente seu caracter de maldição que lhe deu a cegueira humana, limitada pelos órgãos grosseiros, encerrada nos limites da ilusão material.

«No evolucionismo palingenésico, a morte não é o mal, salvo quando é prematura e ocasiona um atraso na evolução do indivíduo.

«Intercalada no jôgo da vida eterna, sobrevindo a sua hora, quando o organismo já deu todo o seu rendimento, a morte é a grande reguladora. Já o dissemos: ela coloca o indivíduo, em condições de esfôrço sucessivo muito variados e assim impede o desenvolvimento da consciência em sentido unilateral. Tem ela ainda outra missão não menos útil, embora o Sêr cego se recuse geralmente a compreender sua necessidade e se subleve contra ela: rompe os laços que sem a sua intervenção tenderiam a manter o Sêr na senda única de sua última vida, com a mesma limitação a que esteve forçado.

«Sem dúvida, essa ruptura é dolorosa: separa brutalmente o Sêr de seus hábitos, de seus meios e de seus afetos,

porém êsse sacrifício relativo e reparável é indispensável ao progresso.

«Por outro lado, a ruptura dista muito de ser sempre um mal. Ao mesmo tempo que priva o Sêr desses meios benfeitores, arranca-o também das contingências penosas, dos ciúmes, da cólera, da enfermidade, da incapacidade, ou simplesmente de um ambiente esterilizador. Obriga o Sêr a deixar, com o organismo gasto, os hábitos transformados em rotina estéril.

«Outro mal aparente, da mesma ordem da morte, é a ignorância em que o Sêr incarnado se acha com respeito à sua situação real e o esquecimento do passado, de um longo passado. Como a morte, e já o demonstramos, essa ignorância, êsse esquecimento, são condições essenciais do progresso evolutivo.

«O que é verdade com relação ao esquecimento, é verdade com relação a todos os outros males.

«Com a idéia palingenésica, o mal, não nos cansaremos de repetí-lo, perde o caracter de absoluto, de irreparável, que o tornava insuportável.

«Contemplado à luz desta idéia, o mundo, o vale de lágrimas e miséria, aparece sob um aspecto totalmente diferente.

«Sem dúvida, a dor se acha ainda por toda parte, mas a dor permanente não existe. Do mesmo modo que há anulação do mal, não há mal absoluto na evolução palingenésica. Há vidas más, como em uma vida insulada há dias maus, porém, somado tudo, as contingências satisfatórias e as desgraçadas se equilibram no conjunto e são sensivelmente iguais para todos.

«Desde então compreende-se o «porque» e o «como» do mal.

«O mal é o resultado da vontade, da incapacidade ou da imprevisão de um criador responsável»

Nessa ordem de idéias, prossegue Geley demonstrando que o mal é passageiro, é o processo ainda elementar da evolução e será abolido pela aquisição da consciência; portanto, o bem soberano será construído pela evolução. As enfermidades serão vencidas, a velhice será sadia e alegre, o organismo se aperfeiçoará na medida da evolução da consciência, a ordem social será justa e harmoniosa. Vencida a cólera, desaparecido o ciúme, o amor dominará nas relações sociais, estabelecendo a felicidade.

A realização do soberano bem será inevitavelmente a consequência das realizações dá soberana consciência e da soberana justiça.

O nosso Autor disse, acima, que a morte, «sem dúvida, é uma ruptura dolorosa: separa brutalmente o Sêr de seus hábitos, de seus meios e de seus afetos». Convém examinarmos melhor esta afirmação. E' verdadeira para o homem que morre prematuramente, sem preparação, materializado; mas não é o mesmo para o ancião que morre justo, espiritualizado, que já tem no outro plano a maioria de seus parentes e amigos, que já completou satisfatoriamente sua missão na matéria. Para êste a morte não é brutal nem penosa: é um regresso tranquilo à Pátria espiritual, para a qual o chamam vozes amigas. A morte nada tem de apavorante para o espírita que aproveitou a vida, cumpriu seus deveres, contribuiu para o progresso da humanidade, melhorou um pouco com seus esforços o mundo em que viveu e sabe que voltará a trabalhar na obra da evolução coletiva depois de um período de repouso.

A doutrina reencarnacionista anula todos os pavores.

Amigos: as profecias estão se cumprindo à risca. Os tempos chegaram e com eles é chegada a hora de demonstrardes a vossa fé pelas vossas obras. Uni-vos cada vez mais no trabalho que vos propusestes realizar na Seára do Senhor. Estamos convosco e contamos com a vossa humildade, perseverança e boa vontade para o cumprimento da tarefa. Avante, pois! O Senhor espera que cada um saiba fazer bom uso dos talentos que lhe foram confiados. — CAIRBAR.

Crônica Estrangeira

GABRIEL

Por Frederico Duarte — Manchester – Inglaterra

Recebi já de várias partes do Brasil relatórios relacionando-se com a aparição do meu filho em «Home Circles» e entre êsses destaco o seguinte: —

O senhor Eurico de Araujo, proprietário da Farmácia Santo Antonio de Algodoal (Ex-Murutinga), E. de S. Paulo, escreve-me:

— «Aqui vimos por intermédio desta carta participar-lhe que diante do facto da transição do seu filho Gabriel, obtivemos comunicação dêle acompanhado com o nosso ilustre amigo do Além, Cairbar Schutel.

Isto se realizou numa sessão particular.

Cientes duma comunicação sua publicada na Revista Internacional do Espiritismo, interessou-nos tratar de conhecer o seu rapaz, e quando Cairbar nos visitou, rogamos-lhe se possível, a trazer-nos êle à nossa presença. Foi imediatamente visto pela médium e falando por seu intermédio conosco notamos que se estava esforçando na pronúncia do português, mas com a ajuda de Cairbar foi-lhe possível esclarecer-se. Fez um elogio da nossa terra, admirando muito a sua topografia».

Esta carta vem assinada pelo senhor Eurico de Araujo e da médium Joana Pedro.

Não tive ainda a oportunidade de comunicar com o meu filho sôbre esta sua visita, sabendo todavia que efetivamente já tem visitado o Brasil, e vários membros da nossa familia que residem no Rio de Janeiro e São Paulo.

Já mencionei num dos meus artigos que não podemos impor os nossos desejos aos nossos amigos do «Além», mas no caso do meu filho dá-se uma exceção.

Segundo me disse êle há tempos espera poder fazer novas visitas ao Brasil, e que está pronto a darnos a todos uma prova absoluta disso respondendo à seguinte pergunta:

«Onde transitou a tua avó materna e quem foi ao seu funeral?»

Se o Gabriel aparecer de novo na sessão particular do senhor Eurico de Araujo, ou em outra qualquer do Brasil, muito me interessaria assim a que lhe façam aquela pergunta e me mandem depois a sua resposta.



Gabriel Griffiths Duarte, *Highland Light Infantery*

Nasceu em Manchester em 22 de Abril de 1919. Morto em batalha, em Tobruk, dia 6 de Junho de 1942.

Despojos enterrados em Canteiro 12, Fileira F, Campa n. 22, Acroma War Cemetery, Libia.

Aventuras Psíquicas

O Barão de Mek forneceu há cinco anos um interessante subsídio à revista inglêsa «The Two Worlds», em que relatou suas experiências em diversas partes do mundo. Hoje reproduzimos sua colaboração intitulada: *«Um Lázaro Moderno».*

Certa vez tive o privilégio de estar presente a uma sessão presidida por um ocultista chinês, cujo propósito era ressuscitar um jovem de 20 anos.

E' esta a teoria sôbre que se baseia uma operação dêste gênero: O homem morre quando sua «fôrça vital» abandona o corpo, quer seja em consequência de moléstia ou de acidente. Se o corpo não estiver irreparavelmente danificado, a fôrça vital ainda presente no corpo astral, póde ser restaurada. A dificuldade era encontrar métodos apropriados para a realização, porém gradualmente, perseverando na experiência, o chinês obteve êxito.

No caso em aprêço o moço morrera em consequência de um acidente, de modo que o corpo estava em perfeifa condição; pois ainda não começára a decomposição, daí serem favoráveis as condições para uma ressurreição.

Quando chegámos, o corpo estava colocado sôbre uma cama, e 7 ou 8 auxiliares formavam «corrente magnética» em volta da cama. Eram todos homens fortes e aptos a suportarem grande fadiga. Um auxiliar, junto à cabeceira, colocou sua mão sôbre a testa do jovem; e a outra mão livre, sôbre o coração. Em seguida o ocultista chinês, de pé num dos extremos da corrente, entoou litanias. Isto com o propósito de aumentar concentração. De minuto a minuto a concentração se tornava mais intensa, até ter-se quasi a sensação física de uma poderosa transmissão de vitalidade. Por vezes, o corpo parecia mover-se. Mas por longo tempo isto não passava de mera ilusão.

Decorrida uma hora, quando os auxiliares começaram a mostrar sinais de fadiga, a palidez mortal no rosto do jovem, começou a ser substituida por colorido róseo. A êste sinál os magnetizadores verificaram que o morto estava prestes a voltar à vida. Imediatamente começaram um cântico destinado a chamá-lo à vida, reforçando a ação magnética com ordens em voz alta e dirigidas ao seu subconsciênte. Logo em seguida, o jovem deu um leve suspiro e seu coração começou a bater. Então interromperam a corrente magnética e fizeram-lhe massagens, a princípio suavemente, em seguida com vigor, com um unguento, preparado para a ocasião. A' medida que o friccionavam, voltou-lhe a vida e, decorridos 20 minutos, êle abriu os olhos.

Esta ressurreição não foi duradoura, pois o jovem sómente viveu poucos dias mais, sustentado pela fôrça vital que lhe fôra transmitida. Quando esta se exgotou, sobreveiu a morte e impossível seria ressuscitá-lo segunda vez. Disseram-me que semelhantes ressurreições nunca são permanentes e só se verificam em casos de morte súbita, não tendo a vítima podido dispor de seus bens. Naturalmente, gente idosa e os que morreram em seguida a longas enfermidades, não podem ser chamados à vida.

Experiências iguais a esta tem-se verificado intermitentemente na Europa — algumas vezes por meio de drogas. Contudo os chineses empregam, no tratamento de enfermidades comuns a transfusão de vitalidades, de um para outro organismo. Eles pouco conhecem as propriedades medicamentosas das drogas químicas. Eles usam remédios naturais, como hervas e conhecem bem o processo de aumentar a vitalidade, pondo em ação as fôrças curativas naturais — a *vix médicatrix naturae*, que foi o sonho da idade média.

Com o auxílio de certo ocultista francês, Dr. R... e diversos outros, há trinta anos atrás, em Lion, eu mesmo consegui reanimar uma jovem. Ainda desta vez, o efeito foi transitório, pois a duração foi sómente de oito dias.

E' significativo que em ambos os casos (asseguram-me ser isto a generalidade) a primeira reação do espírito reincarnado é protestar contra a chamada á vida corporal.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Congresso Brasileiro de Unificação Espírita

Reportagem de Leopoldo Machado

Realizou-se em S. Paulo, promovido pela UNIÃO SOCIAL ESPÍRITA, de 31 de Outubro a 3 de Novembro, o *Congresso Brasileiro de Unificação Espírita.*

Movimento que se formára com o nome de Centro Sulino. Nome que, entretanto, poderia ser alterado, conforme a natureza das representações e o critério dos congressistas.

Muitos Estados do Norte emprestaram adesão ao Congresso.

Nós mesmos tivemos cinco representações, que tivemos de subestabelecê-las. Daí, ser levado a plenário a necessidade da alteração do nome, como assunto primordial, depois da eleição da mesa.

Venceu, dentre os nomes apresentados e discutidos, a denominação de *Congresso Brasileiro de Unificação Espírita*, o que foi, na verdade, visto como as correntes espíritas do país, ativas e operantes, se fizeram representar. Representação que seria maior, se houvesse maior propaganda do certamen dentro de maior espaço de tempo.

Assim, foi justo que o certamen perdesse o caracter regional a benefício de seu verdadeiro caracter nacional.

Procuramos até, na sessão de encerramento, demonstrar que um movimento com tal finalidade ficaria bem partindo de S. Paulo, porque de S. Paulo partira o ensino para o Brasil, com a fundação do colégio que deu nome ao Estado; de S. Paulo sairam as «bandeiras» que descobriram o Brasil do interior, criando outros Estados, como Minas, Goiás, Mato Grosso; de S. Paulo ecoou para a planice oriental e para as cordilheiras do centro o grito de Independência; de S. Paulo espalhou-se para o Brasil a arte do bel-canto, com o *Guaraní* e Carlos Gomes; de S. Paulo derramou-se pelo Brasil o ouro negro do café, o comércio e as indústrias; de S. Paulo saíu, até, a arte modernista, embora não lhe encontremos graça nenhuma, para o resto do país.

Justo, portanto, que o movimento de unificação da Doutrina parta de S. Paulo. Movimento que os confrades de S. Paulo puseram em outras mãos para ser coordenado, que têm gosto seja realizado na Capital do País.

Ha mais, ainda: na Bahia, fundou-se a primeira igreja. Em S. Paulo, o primeiro colégio. Quer dizer: aquêle Estado convidando à fé, êste, à instrução. Na Bahia registraram-se os primeiros fenômenos espíritas, foi onde se fez, primeiro, espiritismo no Brasil. Em S. Paulo, onde, primeiro, se trata da unificação da Doutrina...

* * *

A eleição da mesa, na reunião preparatória, presidida pela figura veneranda de Vinicius, que saúda os congressistas com uma linda página evangélico-cristã.

Depois da apresentação dos delegados, cabendo maior delegação aos Estados do Paraná, Minas e Rio Grande do Sul, — e foram dezesseis os Estados representados! — procedeu-se a eleição.

A presidência coube a Minas Gerais, na respeitável figura do venerando dr. Camilo Chaves, presidente da *União Espírita Mineira*; as duas vices-presidências, ao Rio Grande do Sul, na pessoa do Roberto Michelena e a nós, representando o E. do Rio; os dois secretários, Osvaldo Melo, de Santa Catarina e Herculano Pires, de S. Paulo.

A' eleição seguiu-se a votação do regimento interno.

* * *

A sessão de abertura, na séde do *Centro Esotérico da Comunhão do Pensamento.*

Foi uma sessão magna, imponente.

Falou, depois da prece, proferida pelo Presidente do Congresso, o Presidente da instituição, congratulando-se com o Congresso.

Vinicius profere a saudação da USE aos congressistas, através de outra peça evangélica, oportunissima. Roberto Michelena, a voz do R. G. do Sul, é o orador da noite. Números de arte pura—música, declamação e canto—realçam a parte artística da reunião. O médium Ary Cassadio incorpora um espírito que dá longa e substanciosa comunicação a propó-

sito da obra da unificação nos meios espíritas. Proferimos a prece final.

O belo salão, amplo e imponente, esteve à cunha, a despeito de haver convite individual para a reunião.

* * *

As sessões plenárias, evidentemente as colunas mestras do certame, estiveram animadíssimas. Agitadas por vezes, vibráteis, substanciosas, tal o desejo de colaborar de todos.

Era de ver o interêsse de fazer melhor, o calor nas discussões, o desejo de acertar, de todos. E nada de ataques pes-



Parte da Assistência e um orador quando falava.

soais, sistemáticos, a pessoas e instituições. Uma tese houve, cuja análise fria pareceu ferir, a despeito de seu autor, dr. Julio de Abreu, defendê-la á altura. Foi retiráda, entretanto, mostrando seu autor que tanto sabe argumentar com factos, como renunciar a benefício da causa. Tudo, portanto, nos moldes de um ambiente cristão, á altura de um legítimo congresso espírita nacional de unificação.

Mas, se todos colaboram nas discussões, objetivando as finalidades marcantes do Congresso, houve nomes que se destacaram mais, por seu espírito de combatividade em prol da harmonia e unificação, que ali se concertavam. Foram os ilustres confrades Julio de Abreu e Herculano Pires, (S. Paulo); Noraldino de Castro e Bady Curi (Minas); Dr. João Pompilio e Cel. Roberto Michelena (Porto Alegre); Osvaldo Melo (Santa Catarina); Dr. Francisco Raitani (Curitiba) Sebastião Guedes de Souza (R. G. do Norte); Nabor da Graça Leite e Jaime Monteiro de Barros, respectivamente, de Baurú e Ribeirão Preto.

E nos trabalhos objetivos de comissões, das conclusões: drs. Noraldino Castro, João Pompilio e Carlos Jordão da Silva...

* * *

Os Congressistas foram, quasi todos á residência do Cmdt. Edgard Armond que, por enfêrmo, não pôde tomar parte nos debates. Uma comissão visitá-lo-ia por todos.

Que não. Queria a visita de todos, que seria prazer e conforto para seu espírito, — respondeu o ilustre enfêrmo.

E todos o visitaram, proferindo-se, a borda de seu leito, uma prece votiva, por seu pronto restabelecimento.

* * *

Duas sessões magnificas, oferecidas aos congressistas, foram as que a *Liga Espírita de S. Paulo* e a *Sinagoga Espírita* realizaram.

Os presidentes de ambas, depois de palavras repassadas de muita cordialidade, passaram a presidência ao Congresso, cabendo aos vices-presidentes presidí-las. Nós, substituindo Antenor Ramos e Roberto Michelena, em substituição de A. J. Trindade.

A USE saúda os Congressistas: na primeira, pela palavra de Apolo Oliva Filho e na segunda, pela voz de Jaime Monteiro de Barros. São oradores do Congresso; Osvaldo Melo, na primeira e Noraldino de Melo Castro, na outra.

Dois programas artísticos — declamação, canto clássico e música de ópera — terminaram ambas as sessões.

Houve, na *Sinagoga Espírita*, ainda, uma farta mesa de doces e gelados, que a diretoria da Instituição ofereceu aos congressistas.

* * *

O *Almoço da Fraternidade*, em Entre-Lagos, um lugar paradisíaco, num restaurante em harmonia com o lugar.

Almoço animado por um programa vibratil, alegre, á guisa de cardápio espiritual. D. Marilia Barbosa, representante do Pará, a única mulher com assento no Congresso, faz a prece. Godoi de Paiva comanda o programa. Nós *servimos* o *Aperitivo da Alegria*, em versinhos leves, mexendo com as delegações. Dr. Luiz Monteiro de Barros serve-nos excelente acepipe doutrinário, através de uma peça cheia de excelentes observações e ensinamentos. Come-se com apetite apetitosas iguarias culinárias. Francisco Spineli, de Porto Alegre, serve-nos a sôbre-mesa espiritual paralelamente à material. E o Vinicius, o querido Vinicius, o café espiritual conjuntamente ao material.

Alegria e vibração em todos, em tudo.

* * *

A sessão de encerramento, no Cine-Babilonia, que é, na verdade, uma babilonia em extensão e assentos. Mas, sem acústica. A sessão, contudo, excelente, presidida pelo dr. Camilo Chaves, ladea-



Parte da Assistência presente ao Congresso.

do pelo presidente do Circulo da Comunhão do Pensamento e do reverendo Salomão Ferraz, bispo da Igreja Católica livre. Ao chegarmos, apresentou-no-lo Vinicius, salientando o espírito liberal do apresentado. E o apresentado, usando da palavra, salientou este seu espírito, proclamando que «o Espiritismo é uma verdade».

Os oradores do programa, todos em peças sintéticas, foram, além de nós e do bispo: Emilio Manso, em nome da USE, D. Marilia Barbosa, pelo Pará e em nome da mulher espírita, dr. Julio de Abreu, encerrando-o, com palavras de agradecimentos aos congressistas. Procedeu-se a leitura das Conclusões e do *Manifesto aos Espíritas do Brasil*, seguindo-se-lhe uma bela e harmoniosa parte artística, a música, canto clássico e declamação.

O presidente profere as palavras finais do programa e do Congresso e encerra a sessão.

Estava, assim, encerrado o primeiro Congresso que se faz, na espécie, no Brasil.

* * *

Moços de Mocidades Espíritas de S. Paulo oferecem um programa extra-Congresso, na séde da Federação Espírita, aos congressistas. Programa constante de uma parte doutrinária e de outra de declamação. Por nímia gentileza de sua presidência, dá-se-nos a palavra, para falar em nome dos congressistas. A sessão terminou contagiando moços e mais velhos, todos empenhados no programa de mocidades espíritas, que vão empolgando os meios esclarecidos do Brasil . . .

* * *

As Conclusões Principais.

Aquí vão as *Conclusões*, que se nos afiguram principais, a que o Congresso chegou:

a) Que o espírito dominante em todos os trabalhos é o da unificação direcional do Espiritismo;

b) Para a concretização do item anterior, recomenda a Comissão as seguintes proposições, colhidas nos trabalhos estudados:

1) Que a superitendência daqueles trabalhos seja confiada à Federação Espírita do Rio Grande do Sul, a qual observará as normas gerais aquí traçadas, que represente o pensamento geral do Congresso;

2) Que o Congresso lance aos Espíritas do Brasil um manifesto sucinto e objetivo, divulgando os itens aprovados;

3) As normas seguintes do item 1.º são:

I) Promover entendimentos com as entidades máximas e federativas dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios, no sentido de consertar a forma de unificação direcional do Espiritismo;

II) Os entendimentos deverão ser feitos em torno de organização federativa de ambito nacional;

III) A entidade existente adaptada ao item anterior, conservará sua autonomia social e patrimonial;

IV) O poder legislativo nacional será exercido por um Conselho Confederativo, sediado na Capital da República, e composto de um representante de cada Estado, do Distrito Federal e dos Territórios, eleitos pelas uniões ou federações dessas circunscrições, com mandato de cinco anos e presidido pelo presidente da entidade referida no item 2.º.

4) Realizado seu objetivo, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul dará conhecimento de suas conclusões aos membros deste Congresso e sugerirá a conveniência e oportunidade da convocação de um Congresso Espírita Nacional em prazo nunca inferior de um ano, para o fim de regulamentar o funcionamento da entidade confederativa de âmbito nacional;

5) A Federação Espírita do Rio Grande do Sul manter-se-á em permanente contacto com as entidades participantes deste Congresso e com as que aceitarem, posteriormente, as suas Conclusões, por intermédio de um delegado nos Estados, integrado nos ideais da unificação, como elemento de coordenação e animação do movimento nos limites de seu Estado, etc., etc.

Manifesto do Congresso aos Espíritas

«O Congresso Brasileiro de Unificação Espírita», reunido na cidade de S. Paulo, de 31 de Outubro a 3 de Novembro de 1948, realizou-se sob os efluvios de sublimada concórdia. As teses versaram sôbre assuntos relevantes e foram submetidas ao crivo da razão e do estudo. Visavam a Unificação direcional do Espiritismo e propunham medidas colimando a rápida difusão da Doutrina. Para lograr pronto

andamento, vencendo dificuldades, indicavam soluções oportunas na equação dos problemas.

Todos os trabalhos demonstravam o anseio insopitável da Unificação de sentimentos, propósitos e diretrizes.

Para a almejada concretização, os Congressistas procuraram, no caldeamento de interêsses e programas, obter a essência das proposições oferecidas. Ficou deliberado que a *Federação Espírita do Rio Grande do Sul*, com seu passado de marcantes realizações, e comandatária, coordenasse a Unificação da Família Espírita Brasileira, dentro das normas básicas, traçadas e aprovadas em plenário:

I — Promoverá entendimentos com as entidades federativas dos Estados, do Distrito Federal e Territórios, no sentido de concertar a forma direcional do Espiritismo.

II — Que esses entendimentos sejam feitos em torno de organização federativa existente, que se adapte como entidade confederativa ou federativa de âmbito nacional;

III — Que a entidade existente, adaptada ao item anterior, se conserve autônoma quanto à parte social e patrimonial próprias;

IV — Que as Uniões ou Federações estaduais elejam seus representantes — um por Estado, Distrito Federal e Territórios — para a formação de um Conselho Confederativo, ou Federal Nacional, com séde na Capital da República, e mandato de cinco anos;

V — Que êsse Conselho seja presidido pelo Presidente da entidade federativa que adotar o caráter definido no item II, regulamente e dirija o Espiritismo Unificado;

Realizado o objetivo constante nos itens enumerados, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul sugerirá a conveniência e oportunidade de um Congresso Espírita Nacional, em prazo superior a um ano, para o fim de organizar o funcionamento da entidade adaptada. Manter-se-á, também, em permanente contacto com os participantes do Congresso e com as entidades que, posteriormente, adotarem suas Conclusões;

Ficou assentado que, sob o patrocínio do Congresso, seja fundada uma Universidade Espírita para ensino em todos os graus. Para dirigir o importante empreendimento, foi nomeada uma comissão integrada por elementos de S. Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina.

Espíritas do Brasil:

Jesus ordenou permanecessemos em seu amor, guardando-lhe a palavra. Resta, portanto, que vós, nos quadrantes da Pátria, impulsionados pela fraternidade cristã e determinados pelo amor à Causa e ao Bem, formeis fileiras em torno da Bandeira da Unificação e do Ensino Espíritas.

Apressai os passos! Caminhai, decididos! Pugnai com fé e confiança! Edificai o Ideial com o Cristo! Fazei-o triunfar pelo vosso esfôrço de torná-lo glorioso!

Integrai-vos definitivamente no movimento, que não é nosso, mas Determinação Superior, que nos leva a caminhar para a frente e volver para o Alto!

Espíritas do Brasil!

Lembrai-vos de que somos unos em Cristo, filhos de um só Deus, norteados por uma só aspiração, orientados por um só Mestre, para a formação do rebanho de um só Pastor!

Que Jesus ilumine e oriente, que Deus abençôe e ampare o Brasil!

A grande transformação está em marcha ainda mais acelerada. O materialismo das massas ignaras, da ciência mercenária e das religiões politiqueiras declarou bancarrota. Por essa razão aguardai grandes acontecimentos que se verificarão no sentido social e espiritual. Tudo caminha conforme os designios de Deus, e a doutrina de Jesus, revivificada pelo Espiritismo, marcará o fim de um mundo mau e o advento do grande século do Espírito, de justiça, liberdade e fraternidade. Acelerai também o vosso trabalho na seára, porque cada um de vós tem uma tarefa a cumprir nessa transformação.

CAIRBAR.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, alem dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$35,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro